

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS, MEMÓRIAS E ORALIDADES - SEPEMO

História da Educação: memórias e narrativas

ORGANIZADORAS:

Lia Machado Fiuza Fialho

Maria Aparecida Alves da Costa

Scarlett O'Hara Costa Carvalho



ISSN: 2358-9027

Organização Geral

Lia Machado Fiuza Fialho
Charliton José dos Santos Machado
José Gerardo Vasconcelos

Comissão Científica

Ana Cristina de Moraes
Ana Maria Leite Lobato
Ana Michele da Silva Lima
Andrea Abreu Astigarraga
Anísia Maria Rocha Nogueira
Antonio Luiz de Oliveira Barreto
Antônio Roberto Xavier
Cecília Rosa Lacerda
Cristine Brandenburg
Daniella de Souza Barbosa Suassuna
Danusia Mendes Almeida
Edith Maria Batista Ferreira
Elcimar Simão Martins
Flávio Muniz Chaves
Francione Charapa Alves
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro
Geandra Cláudia Silva Santos
Gildênia Moura de Araújo Almeida
Giovana Maria Belem Falcao
Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo
Inambê Sales Fontenele
Isaide Bandeira da Silva
Janote Pires Marques
Jean Maccole Tavares Santos
José Albio Moreira de Sales

José Antônio Gabriel Neto
Joselma Ferreira Lima e Silva
Julinete Vieira Castelo Branco
Karla Angélica Silva do Nascimento
Karla Colares Vasconcelos
Keila Andrade Haiashida
Lia Machado Fiuza Fialho
Lourdes Rafaella Santos Florêncio
Luiz Távora Furtado Ribeiro
Márcia Cristiane Ferreira Mendes
Maria de Loudes da Silva Neta
Maria de Nazareth Moraes Soares
Maria do Socorro Lima Marques França
Maria Lenúcia de Moura
Maria Nahir Batista Ferreira
Nadja Rinelle Oliveira de Almeida
Paulo Augusto Tamanini
Renata Rosa Russo Pinheiro Costa Ribeiro
Robson Carlos da Silva
Salania Maria Barbosa Melo
Samara Mendes Araújo
Scarlett O'hara Costa Carvalho
Tânia Gorayeb Sucupira
Tânia Maria Rodrigues Lopes
Vitória Chérída Costa Freire
Zacarias Marinho
Zuleide Fernandes de Queiroz

Comissão Organizadora

Ana Michele da Silva Lima

Bruno Araújo da Silva

Cristine Brandenburg

Francinalda Machado Stascxak

Francisca Genifer Andrade de Sousa

Francisca Mayane Benvindo dos Santos

Hannah Franklin dos Santos

Homero Henrique de Souza

Hugo Leite de Oliveira

Karla Colares Vasconcelos

Karla Angélica Silva do Nascimento

Kewlly de Sena Santos

Márcia Cristiane Ferreira Mendes

Maria Aparecida Alves da Costa

Maria Naiany Gomes Nobre

Priscila Bárbara Rodrigues da Silva

Rayane Sales Monte

Roberta Lúcia Santos de Oliveira

Scarlett O'hara Costa Carvalho

Vitória Chérida Costa Freire

VI Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades

Fortaleza – CE | 17 a 19 de Outubro | 2010

© 2017 Copyright by, Lia Machado Fiuza Fialho, Maria Aparecida Alves da Costa e Scarlett O’Hara Costa Carvalho (ORGANIZADORAS)

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada Depósito Legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893. FAX: (85) 3101-9893

Internet: www.uece.br – E-mail:
eduece@uece.br



Coordenação Editorial | Lia Machado Fiuza Fialho

Projeto Gráfico | Lia Machado Fiuza Fialho, Maria Aparecida Alves da Costa

Ficha Catalográfica

VI Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades / Lia Machado Fiuza Fialho, Maria Aparecida Alves da Costa e Scarlett O’Hara Costa Carvalho (Orgs.). - Fortaleza: EdUECE, 2019.

Conteúdo: artigos do VI Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Fortaleza –CE, out. 2019. Volume I.

ISSN 2358 - 9027

1. Educação. 2. Memórias. 3. Narrativas. 4. Oralidades I. Fialho, Lia Machado Fiuza II. Costa, Maria Aparecida Alves da III. Carvalho, Scarlett O’Hara Costa.

MESTRE CHITÃOZINHO E A FORMAÇÃO DOS CAPOEIRISTAS NO “ABC - JOÃO XXIII”

José Olímpio Ferreira Neto,
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, jolimpioneto@hotmail.com.
Robson Carlos da Silva
Universidade Estadual do Piauí, robsonuespi64@gmail.com.

RESUMO

A Capoeira resiste nas periferias das grandes cidades assumindo *status* educacional, formal ou não formal, é reconhecida de diversas formas pela sociedade, inclusive como patrimônio cultural, sendo assim, indispensável o registro de sua história e memórias. O objetivo desse trabalho foi investigar o legado educacional do Mestre Chitãozinho para a capoeira alencarina, compreendendo o período que ministrou treinos no Projeto ABC do João XXIII, localizado na periferia de Fortaleza-CE. Dessa forma, pensa-se que esse trabalho está contribuindo para o registro da memória local, contando a história do homem comum. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com suporte na memória, por meio de contato virtual, sob um olhar (Net)etnográfico, narrativa autobiográfica e questionário. Conclui-se que o seu legado educacional colaborou para a formação de outros mestres de capoeira que ministram treinos em projetos sociais, fazem palestras, ministram oficinas colaborando, dessa forma, para a divulgação da capoeira alencarina da periferia de Fortaleza.

Palavras-chave: Capoeira. Memória. Formação.

INTRODUÇÃO

A Capoeira é uma manifestação cultural que resiste nos centros urbanos ou nas periferias das grandes cidades brasileiras. Alguns estudos sobre o papel da capoeira vêm sendo desenvolvidos já há alguns anos (CAMPOS, 2001; SILVA, 2015; VIEIRA, 1998) que abordam sua prática como atividade educacional seja em ambientes formais ou não formais de ensino. Em 2014, ganhou o *status* de Patrimônio Cultural da Humanidade, título dado pela Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (UNESCO). Antes disso, no ano de 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício do Mestre foram registrados como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural Nacional (IPHAN). Os Mestres de Capoeira estão presentes nas escolas e em outros espaços, onde manifestam sua cultura, sobretudo nas Rodas de Capoeira. Esses educadores e articuladores da cultura popular levam suas memórias de vida proporcionados pelo fluxo de saberes. Pensando em salvaguardar memórias, essa pesquisa buscou fazer um registro do legado em vida de um jovem mestre de capoeira responsável pela formação de outros capoeiristas em terras alencarinas, trabalho esse desenvolvido no bairro da periferia de Fortaleza, Ceará, o espaço de aprendizado foi o Projeto “ABC - João XXIII”, do qual tive a oportunidade de

treinar algumas vezes com o Manoel Lima de Sousa, o Mestre Chitãozinho para, logo em seguida, ser o ministrante dos treinos naquele lugar.

Esse artigo é parte da pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Artes Marciais, Esportes de Combate e Lutas, realizado na Universidade Estadual do Ceará, sob a coordenação do Prof. Dr. Heraldo Simões. A monografia desenvolvida teve como título *O Projeto ABC do João XXIII como espaço de formação de capoeiristas: o legado educacional do Mestre Chitãozinho de Fortaleza-CE* e foi orientada pelo Prof. Dr. Robson Carlos da Silva, o Mestre Bobby, meu mestre. Inicialmente, pensei em fazer um memorial narrando minha trajetória de formação, mas depois percebi que poderia falar de parte dessa trajetória com a narrativa de outra pessoa, um dos meus mestres de capoeira, o qual acompanhei por mais de quinze anos no grupo de capoeira que fazia parte, Grupo Cordão de Ouro, e depois, no grupo que ajudei a fundar, o Grupo Negaça Capoeira.

A chamada História Nova está mais interessada na cultura e nos aspectos sociais, conferindo menos importância às grandes personagens e acontecimentos singulares. Ela se interessa mais pelos costumes e pelos protagonistas anônimos (RODRIGUES, 2009). Quando se estuda a História, as veredas são amplas e variadas. É tarefa infrutífera tentar contemplar um longo período e um grande espaço. O presente estudo se refere às ações educativas da capoeira, utilizando, sobretudo a experiência humana dos sujeitos envolvidos, do Mestre Chitãozinho, no Projeto ABC do João XXIII, do ano de 1992, ano em que começou a ministrar treinos até aproximadamente 2002, quando alunos seus ministravam treinos no espaço sob sua supervisão. Nesse percurso, partimos da seguinte inquietação: Qual o legado do Mestre Chitãozinho para praticantes da Capoeira Alencarina? Para responder a essa pergunta foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com suporte na memória, por meio de contato virtual, sob um olhar (Net)etnográfico, narrativa autobiográfica, questionário.

PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa teve como *corpus* metodológico duas fontes principais. A primeira, bibliográfica, buscada na literatura existente sobre Capoeira, desenhada por jogadores-estudiosos (CAMPOS, 2001) abordando a Capoeira e a Educação. Na segunda parte da pesquisa, o estudo foi do tipo (Net)etnográfico com o emprego da narrativa autobiográfica e a elaboração um questionário eletrônico para o sujeito da pesquisa junto à posterior análise. Dessa forma, foi construído um *corpus* documental. Utilizando-se, por se tratar do campo educacional, a categoria da memória. Para uma abordagem no campo da educação informal, Rodrigues (2009, p. 437) aponta que “[...] abre-se um largo espaço ao estudo da micro-

história, às contribuições dos anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga [...]”.

A coleta de dados aconteceu da seguinte forma: o contato com o Mestre Chitãozinho foi realizado inicialmente por meio da rede social *Facebook*. O mestre se mostrou interessado e ligou por meio do mecanismo disponível na mesma rede e iniciamos uma conversa sobre a pesquisa. Solicitei que iniciássemos com uma narrativa autobiográfica onde ele pudesse colocar as memórias e impressões do período que ministrou treinos no Projeto ABC do João XXIII. Os relatos autobiográficos, segundo Josso (*apud* AVELINO, SOUSA e SILVA, 2015), são possíveis de serem usados, pois são produções artísticas culturais, uma espécie de mediação para falar de si e de sua vida no mundo, a partir da invenção de si mesmo.

A rede de relacionamento *online* foi nossa maior aliada neste projeto, recebi a narrativa, intitulada *Memória e História dentro dos Processos de Construção e Reconstrução Sociocultural do Ser*, via e-mail. Após a leitura e análise desse material, elaborei um questionário no *Google Docs*, por meio do recurso formulário, para suprir algumas questões que não apareceram na narrativa. Dessa forma, romperam-se as barreiras do espaço, pois o mestre mora no exterior. As questões foram todas baseadas nos relatos de autoria do Mestre Chitãozinho, solicitados preliminarmente. As perguntas foram as seguintes: *Com quem iniciou a Capoeira?; Treinou com quais mestres?; Passou por quais grupos (escolas) de capoeira?; Fale um pouco do seu currículo na época que começou a ministrar treinos no ABC do João XXIII.; Fale do seu currículo atual.; Havia vivências com os alunos para além do ABC? Se existiam, como eram?; Acredita que foram relevantes para o aprendizado? Em que aspectos?; Qual o legado que deixou em vida a partir desse trabalho (ABC do João XXIII)? Formou discípulos que continuaram a ensinar a arte? Cite-os.; Esse espaço é para escrever algo mais que desejar.*

A lida com o sujeito da pesquisa se sustentou no revisitar das memórias, das vivências cotidianas e dos saberes apreendidos no meio da capoeira e em outros universos que transitou. Os dados coletados, por meio da narrativa e do questionário, foram analisados com base no referencial teórico e as categorias abordadas. O tratamento dispensado aos dados se constituiu de textualização das narrativas obtidas nos questionário e na narrativa autobiográfica para posterior escritura do texto final. Esse caminho mostrou-se inovador, pois o ambiente virtual foi usado como ferramenta que possibilitou sua realização (AVELINO, SOUSA e SILVA, 2015).

ALGUMAS MEMÓRIAS DA CAPOEIRA NO CEARÁ

A História da Capoeira no Ceará é cheia de controvérsias e pontos obscuros, mas sabe-se, por meio de escassas pesquisas e da oralidade, que os cearenses tiveram importante participação na formação da Capoeira Regional desenvolvida pelo Mestre Bimba na década de 1930. Uma figura entre eles merece destaque, Sisnando, um jovem que foi estudar Medicina na Bahia, pois na época não havia esse curso no Ceará. O cearense, depois de muito insistir, começou a treinar com Mestre Bimba, levando, ainda, outros cearenses, estudantes da faculdade, entre eles, Ruy Gouveia. Porém, nenhum dos cearenses que treinaram com o Mestre Bimba formou discípulos e nem trabalho em terras alencarinas. Ficando essa tarefa de pioneirismo para o Ms. Zé Renato.

O Mestre Zé Renato teve uma trajetória com aproximações e afastamentos da capoeira, porém gerou discípulos. Sua história está registrada poeticamente no versos de cordel de Carvalho Filho (1997), conta que Cipolati, sargento gaúcho, que havia morado na Bahia e ex-aluno de Mestre Bimba, era o responsável pela iniciação do então garoto, Renato. Ele sempre estava envolvido com atividades artísticas, recitando poemas, cantando ou desfilando. Corria atrás do circo quando chegavam a Crateús, observava a montagem e até fazia aulas de saltos e malabarismo (SILVA, 2013). Foi um andarilho à procura de capoeira pelo mundo, foi para a Bahia, onde conheceu mestres Bimba e Pastinha, nomes que representam a Capoeira. Em 1967, retorna à sua terra natal, mas com seu espírito inquieto, vai ao Rio de Janeiro, onde treinou com Mestre Leopoldina, nome da capoeira carioca (CARVALHO FILHO, 1997). Passou alguns anos no Rio e voltou para o Ceará, fez Escola Técnica em Fortaleza e, em 1971, foi ao Maranhão. Treinou bastante por lá e voltou em 1972, ano em que começou a ensinar a Capoeira no estado, iniciando seu trabalho em escolas da capital, ensinou nas escolas Oliveira Paiva e Castelo Branco. O mestre também foi à Brasília, onde ensinou e fundou o Grupo Xangô, deixando lá o Mestre Bartô. Fundou, ainda, o Grupo Alma Negra, no Ceará. Na década de 1990, afastou-se da atividade. Esse afastamento não dura muito, o Mestre Zé Renato retorna as rodas de capoeira, levando sua presença e um pouco de sua experiência. Teve como primeiro aluno Demóstenes, depois vários outros surgiram durante seus anos de ensino. Entre seus alunos, merecem destaque os mestres Jorge Negão, João Baiano, Everaldo Ema e Zé Ivan, os pilares da Capoeira do Ceará (CARVALHO FILHO, 1997).

Outros mestres contribuíram para o desenvolvimento da capoeira cearense, como o Mestre *Squizito*, que trouxe o estilo Regional ao estado (CARVALHO FILHO, 1997), e também formou discípulos. Além disso, foi o responsável por implantar um sistema de graduações no Ceará.

Carvalho Filho (1997) destaca o trabalho da Associação Zumbi do Mestre Everaldo, que tem entre seus mestres associados, Lula, Ulisses, Júnior, Jean, Geléia e Wladimir. Outro nome de destaque, não citado pelo cordelista, mas foi discípulo do Mestre Everaldo, é o Mestre Espirro Mirim. Ele iniciou na capoeira em 1979, com o Mestre Everaldo do Grupo Favela que, no mesmo ano, mudou o nome para Grupo Zumbi. Em uma matéria de uma revista especializada em capoeira, o Mestre Mirim (2001, p. 25) diz: “Em 1984, fui formado pelo Mestre Everaldo, porém eu não parei de treinar [...] resolvi viajar para o Rio de Janeiro [...] onde treinei no grupo Palmares com os mestres Branco e Gomes”. Depois rumou para São Paulo, onde iniciou seu contato com o Mestre Suassuna, do Grupo Cordão de Ouro, com o qual está até hoje. Em 1988, Espirro Mirim formou-se professor pelo Grupo Cordão de Ouro, ano em que trouxe o grupo para Fortaleza e começou seu trabalho. Em 1991, ele recebeu o título de mestre, depois de pouco mais de uma década de treino. É uma espécie de fenômeno da capoeira, resultado de muito talento e treino. Inicia sua carreira internacional em 1992, quando vai para São Francisco nos EUA, em 1996, para Israel e continuou viajando pelo mundo se estabelecendo no exterior. Ele tem importantes discípulos, entre eles, o Mestre Chitãozinho, sujeito dessa pesquisa.

AS MEMÓRIAS DO MESTRE CHITÃOZINHO E SEU LEGADO

O Mestre Chitãozinho conheceu a Capoeira por volta de 1982-1983, mas somente em 1986 começou a treinar, ingressando numa academia em 1987, no Centro Comunitário Miriam Porto Mota, no Bairro João XXIII, em Fortaleza. Antes de 1987, praticava informalmente com amigos, mas então, começou a ter aulas em 1987 com o monitor Júnior Bill, do Grupo Zumbi Capoeira que desenvolvia o trabalho com outro graduado (corda marrom e branco) chamado William (SOUSA, 2017-B). Pouco depois, iniciou-se aulas no Clube do Jovem no Bairro João XXIII, ministradas pelo instrutor Barão, o qual era aluno do professor Araminho. Depois, foi treinar com o contramestre Everaldo Ema, líder do Grupo Zumbi Capoeira. Treinou ainda com o próprio professor Araminho, no Bairro do Montese, numa academia que visitava, com frequência, junto com seus colegas de treino.

Entre 1989 e 1990, o professor Barão, com quem passou a treinar, decidiu ir embora para Paramoty. Mesmo período que conheceu o então professor Espirro Mirim, numa roda de capoeira realizada às sextas-feiras pelo professor Ratto, no Polo de Lazer da Parangaba. Encantado com a capoeira do professor Espirro Mirim, o Chitãozinho foi treinar com ele em 1990, permanecendo até 2005. Afirma a relevância de todos os capoeiristas com quem treinou como construtores de sua jornada. Em síntese, passou pelo Grupo Zumbi Capoeira, Grupo

Senzala, ABADA-Capoeira, Grupo Cordão de Ouro para então fundar o Grupo Negaça Capoeira em 2005. O Mestre Chitãozinho é um capoeirista com formação acadêmica na área de humanas e escritor com livros que versam sobre a relação da capoeira com questões da espiritualidade, ética e moral. Faz 12 anos que mora na Inglaterra, Reino Unido. Ministra aulas semanais de capoeira para adultos e para crianças. Sempre está viajando para ministrar seminários teóricos e práticos sobre capoeira.

O Projeto ABC – Aprender, Brincar e Crescer foi fundado em 1992 e atendia bairros da periferia de Fortaleza, era promovido pela Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Ceará, atendia a população de crianças, adolescentes e jovens de 7 a 17 anos, estudantes de escolas públicas e de famílias em situação de vulnerabilidade e risco social com diversas atividades educativas, culturais, artísticas, esportivas, produtivas e de iniciação profissional, entre elas, a Capoeira. Em 1996, quando cheguei ao Bairro João XXIII, tive a oportunidade de treinar algumas vezes nesse espaço, apesar de não ter feito matrícula na instituição. Ainda no mesmo ano, o então professor Chitãozinho propõe que eu seja o responsável, aos 17 anos de idade, pelos treinos no local, algo que aceito, mesmo achando que eu era muito jovem para a missão. Iniciei o trabalho contando com seu apoio e orientação. Treinava com ele no Clube do Jovem e na Academia Visual Center, locais onde o mestre ensinava, e fazia esse conhecimento circular no Projeto ABC do João XXIII. Sobre seu contato inicial com o projeto, o Mestre Chitãozinho conta que foi convidado pela coordenação do projeto, Aurileide e João Eudes, por volta de 1992-1993, não foi o primeiro a ministrar treinos lá, porém acredita que as raízes da capoeira só foram fincadas com sua chegada (SOUSA, 2017). Um projeto social é um espaço de muitos desafios, mesmo sem experiência, aceitou dar aulas de capoeira, enfrentando os preconceitos contra a instituição e contra a capoeira. A capoeira atrai jovens de diversas classes sociais, então, aproveitou esse atrativo para construir algo edificante em cada ser, trabalhando a educação dos sentimentos, da disciplina das emoções (SOUSA, 2017).

Antes de completar o primeiro ano, realizou um Batizado, momento em que o aluno iniciante recebe sua primeira graduação num jogo com um capoeirista mais experiente. Segundo Sousa (2017) o Batizado “[...] criava uma relação de respeito, admiração e determinação tanto por parte dos alunos, como por parte de seus familiares”. Assim, com muito trabalho, os elogios foram aparecendo, era um sinal de reconhecimento. Era um espaço que juntava diversos perfis de participantes, nem todos estavam ali por conta da capoeira. Como o próprio Mestre Chitãozinho narra “[...] não podíamos deixar de reconhecer, que muitos procuravam as atividades do projeto [...] por conta da fome física que sentiam... falta

de comida [...]” (SOUSA, 2017). Independente do motivo, aquelas pessoas se reuniam no projeto social e o Mestre Chitãozinho usou o momento e a atividade para educar aqueles sujeitos, participando formação deles. Para Silva (2015, p. 259):

[...] educar é uma ação profundamente política e ética, portanto, para se alcançar êxito numa ação pedagógica que pretenda a formação de cidadãos críticos, ativos e solidários, numa sociedade democrática, faz-se necessário que esta ação esteja ligada a um compromisso consciente e cuidadoso com a comunidade a que se pretenda servir.

Em sua narrativa, o Mestre Chitãozinho aborda diversas vezes a relação de sua prática pedagógica como um ato de formação dos indivíduos. No entanto, segundo ele, a ideia que a sociedade tem sobre educar consiste em ensinar a ler e a escrever. É pouco percebido outras formas de conhecimento. A roda de capoeira é um espaço de formação, onde as cantigas podem ser instrumentos de aprendizagem, pois contam fatos históricos e trazem muitas mensagens sobre comportamentos e valores dessa cultura (VIEIRA, 1998). O Mestre Chitãozinho diz que:

Sempre eu me esforçava para que todos nós permanecêssemos dentro de um clima de respeito com descontração. E quanto mais eu oferecia saberes, mais eu suponha que tinha que cobrar no fazer, pois tínhamos um lema que, impunha a mim mesmo e aos alunos, o dever de se esforçar para se aproximar do formato da moral das coisas ensinadas (SOUSA, 2017).

O Mestre Chitãozinho tem uma orientação religiosa cristã. A capoeira, para muitos, é separada da religião, trata-se de um pensamento ocidentalizado. A capoeira, como prática afrodescendente, é irmã dos rituais religiosos de mesma matriz. Percebe-se, na roda de capoeira, manifestação da religiosidade, nas cantigas e nos gestos. O mestre entende o fator religioso presente nessa cultura, não como uma oportunidade de evangelização, mas como o momento para a construção da consciência moral dos indivíduos (SOUSA, 2017-B).

Eu fui um aluno fortemente influenciado por suas ideias. Já pensava sobre a conduta do capoeirista dentro e fora da roda. Tinha uma consciência cristã muito bem forjada no seio familiar. Porém, a capoeira, nesse período, vivia um espírito de combate. Havia uma rivalidade franca entre, nós do Projeto ABC do João XXIII, do Grupo Cordão de Ouro, e o grupo de capoeira que atuava ao lado, no Centro Comunitário Miriam Porto, ABADA-Capoeira. Convencer os capoeiristas, jovens, que deveria haver respeito, não era tarefa das mais fáceis. No entanto, diversos momentos foram proporcionados para amenizar essas diferenças como rodas de integração onde estavam presentes os dois grupos.

O espaço de aprendizagem na capoeira rompe os muros institucionais, aproxima mestre e discípulo. O Mestre Chitãozinho narra que fazia visitas aos alunos, em busca de compreender melhor a situação em que viviam, tentando uma aproximação da realidade deles

(SOUSA, 2017-B). Eu também convivía com os alunos no período que ministrei treino nesse espaço. Muitos se tornaram meus amigos, frequentava as suas casas, participava da vida familiar, conhecia os pais e saía para rodas e outros passeios. Era uma relação que não se restringia apenas ao espaço de treino, algo semelhante ao que é narrado por Fred Abreu (*apud* CASTRO JÚNIOR, 2004), ou seja, trata-se de uma relação afetiva e social que é construída no convívio cotidiano, com certo grau de intimidade e preocupação do mestre em estar próximo dos alunos. O Mestre Chitãozinho participou da formação de diversos capoeiristas no ABC do João XXIII, eu também tive o prazer de compartilhar desses momentos, treinando, viajando, visitando academias de outros grupos ou ministrando aulas sob sua orientação. Em suas palavras,

[...] o discípulo continua com o seu mestre na mentalidade para toda a sua vida; não importa onde ou com quem esteja. [...] eu tinha interesse em fazer brotar algo de dentro daqueles que me seguiam os passos, e eles ao seu turno, tinham o interesse de serem interpenetrado na alma, por esses valores formadores da personalidade. Assim, tivemos compartilhadores dos nossos sonhos, tais como Ronald, Pote, Dorado, Cruel, Eudes, Clark, Olímpio, Tropeço etc., que continuam com suas atividades formadores de capoeiristas, de ideias, de julgamentos de valores e de reconstrução de novos valores dentro do Ideal Capoeirístico (SOUSA, 2017-B).

Ele aponta o ABC como lugar de aprendizagem, onde não só os alunos, mas ele também aprendia, trazendo assim uma ideia freiriana, embora de forma inconsciente. Continua narrando que teve “*[...] a chance de permitir que jovens mal saídos da adolescência, ou mesmo nela, dessem aulas no ABC para me substituir, os quais realizaram muitas atividades melhores do que as que eu realizei*” (SOUSA, 2017). Pode-se entender, com Silva (2015), que o mestre de capoeira proporciona um fluxo de saberes, oferecendo saberes e valores educacionais aos indivíduos. Dessa forma, colabora para a

[...] formação de crianças e jovens capazes de guardar valores caros e essenciais para suas relações sociais, tais como: respeito às pessoas e aos ambientes; compreensão das reais possibilidades de aprendizado significativo [...] para seu crescimento intelectual, psicológico e afetivo; [...] (SILVA, 2015, p. 263).

Assim como outros mestres, permitiu-se pensar inovações ou antecipar-se aos momentos de desenvolvimento da manifestação cultural. Percebeu de forma empírica que precisava trazer mudanças a sua forma de ensinar. Observa-se que tentou inovar na prática física, mas também em tentar educar com valores sociais para uma melhor convivência em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mestre Chitãozinho é um articulador do fluxo dos saberes presentes na capoeira em terras alencarinhas. Seus discípulos, estando ou não em seu grupo, treinando ou não capoeira, guardam seus ensinamentos. Ele contribuiu para formação de jovens que exercem a cidadania propagando os ensinamentos daquele espaço periférico de manifestação da cultura popular. Espaço que rompe as paredes institucionais, que transitam entre saberes.

Pode-se dizer, com base nas reflexões e análises realizadas, que o legado educacional do Mestre Chitãozinho, no período que ministrou ou coordenou os treinos do Projeto ABC do João XXIII, colaborou para a formação de outros mestres de capoeira que ministram treinos em projetos sociais, fazem palestras, ministram oficinas ajudando, dessa forma, para a divulgação da capoeira alencarina, sobretudo, a forjada em meio à periferia de Fortaleza.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Ysnaira Pollyanna Damasceno; SOUSA, Anna Caroline Silva Costa; SILVA, Robson Carlos da. A Capoeira como aparelhagem social de visibilidade do negro: identidade e ascensão social. *In: MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). **Entre o Derreter e o Enferrujar**: os desafios da educação e da formação profissional.* Fortaleza: EdUECE, 2015.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade**: uma trajetória de resistência. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARVALHO FILHO, José Bento de. **Capoeira**: a história do Mestre Zé Renato. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 1997.

CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. *In: **Revista Brasileira Ciência Esporte**.* Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

Espirro Mirim: A Fortaleza do Ceará na Capoeira. *In: **Cordão Branco**: A Revista dos Mestre.* Ano I, nº 2. Rio de Janeiro: Camargo e Moraes Editora, 2001. (24-29)

RODRIGUES, Rui Martinho. História, fontes e caminhos da educação e da cultura. *In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia [et al.] (org.). **Escolas e culturas**: políticas, tempos e territórios educacionais.* Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.422-441.

SILVA, Robson Carlos da. Educação, Cultura e Escola: A escola de capoeira e as interlocuções possíveis entre o formal e o não formal. *In: SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). **Cultura, Sociedade e Educação Brasileira**: teceduras e interfaces possíveis.* Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, Sammia Castro. **Protagonismo no ensino da Capoeira no Ceará**: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013.

SOUSA, Manoel Lima. Questionário elaborado por José Olímpio Ferreira Neto. 2017.

SOUSA, Manoel Lima de. **Memória e História dentro dos Processos de Construção e Reconstrução Sócio-cultural do Ser.** Narrativa solicitada por José Olímpio Ferreira Neto para a pesquisa Narrativa de vida do Mestre Chitãozinho: o ABC do João XXIII como espaço de formação de capoeiristas. 2017.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil.** 2^aed., Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.

O LEGADO EDUCACIONAL DE MARIA ODETE MOURA: MEMÓRIAS E REMINISCÊNCIAS

Robson Carlos da Silva
Universidade Estadual do Piauí/UESPI, robsonuespi64@gmail.com
José Olímpio Ferreira Neto
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, jolimpioneto@hotmail.com.

RESUMO

O artigo, tem o escopo de apresentar os achados de uma pesquisa biográfica que aborda a trajetória de vida e prática docente da educadora piauiense Maria Odete Pereira Moura, no intuito de desvelar seu legado educacional no município de Sigefredo Pacheco/PI, contemplado por meio de suas memórias e reminiscências e ancorado na metodologia da história oral, com suporte em outras fontes textuais e de imagem, tais como: fotografias, documentos escolares, correspondências, periódicos, livros, dentre outros. O problema que motivou o estudo foi: Como se configurou a contribuição e o legado de Maria Odete para o desenvolvimento social e educacional da cidade de Sigefredo Pacheco, situada no estado do Piauí? Os achados da pesquisa demonstram que a trajetória de vida e a atuação da educadora em cena, deixou marcas positivas na história e memória educacional da cidade de Sigefredo Pacheco/PI.

PALAVRAS-CHAVE: Educadora piauiense. História de Vida. Reminiscências.

Introdução

O artigo é uma produção vinculada ao Núcleo de Pesquisa em História Cultural, Sociedade e História da Educação Brasileira/NUPHEB, no contexto do Projeto de Pesquisa Educação, Instituições Escolares e Educadores Piauienses, o qual tem o escopo de desvelar e analisar o legado educacional de educadores e educadoras piauienses, a partir de uma pesquisa que contribuiu no desvelamento do legado educacional e social da educadora Maria Odete Moura, na cidade de Sigefredo Pacheco/PI, a partir de aspectos de sua trajetória de vida.

Nas idas e vindas frente a um vasto e complexo universo que se descortinava, assentados nos estudos sobre história e memória da educação e pesquisa biográfica, centramos nosso olhar sobre a história de vida de uma educadora piauiense, destacando aspectos dessa trajetória, sua formação e atuação, seus desafios e satisfações, as dificuldades pessoais, institucionais, sociais e outros aspectos que pudessem contribuir para o desvelamento de aspectos da história da educação piauiense.

Situamos nosso estudo na abordagem da Nova História Cultural, no sentido de que se trata de uma corrente teórico-metodológica que se detém sobre questões relacionadas a

inquietações, objetos de estudo e métodos na condução do tratamento e análises históricas e historiográficas, em especial em história da educação que se propõem a ir além do que a historiografia oficial comumente aborda.

Assim sendo, nos aventuramos na abordagem da Nova História Cultural, no método da História Oral, método sobre o qual já vínhamos desenvolvendo outras pesquisas, principalmente ancorados nas ideias de Alberti (2008, p. 154), ao tratar da História Oral enquanto abordagem que proporciona uma melhor aproximação do passado com o presente, visto que possibilita a emersão de múltiplos olhares sobre um mesmo acontecimento, pelo "[...] acesso da história dentro da história", a partir do registro dos testemunhos dos próprios sujeitos dessa história, o que, dessa forma, contribui sobremaneira para a ampliação de interpretação do passado sobre o qual se detém.

O registro do testemunho dos próprios sujeitos, entendido como narrativas (SILVA, 2016), nos faz refletir e nos conduz pela mesma via intelectual sobre a qual Ricoeur (2012, p. 153) afirmou que

Reconstruir os vínculos indiretos da história com a narrativa é, em última instância, trazer à tona a *intencionalidade do pensamento historiado*, mediante o qual a história continua a visar obliquamente o campo da ação humana e sua temporalidade básica. (grifos do autor).

A pesquisa, neste sentido, versou sobre a história de vida da professora piauiense Maria Odete Moura, que exerceu suas práticas pedagógicas como professora e como gestora no ensino público de sua cidade, Sigefrêdo Pacheco, no estado do Piauí, idealizando e executando vários projetos educacionais, dentre os quais a fundação de uma biblioteca pública em sua cidade de origem.

O artigo apresenta os achados finais produzidos na pesquisa, acreditando que estes achados, as leituras feitas sobre as memórias e as reminiscências desta educadora, pleiteiam, além da reconstrução dos sentidos de suas concepções educativas, o desvelamento de aspectos significativos da educação no Piauí.

A caminhada teórico-metodológica do estudo

Nossa investigação, se ancorou na abordagem qualitativa, por entendermos ser a mais apropriada no suprimento dos interesses e na condução dos processos de formulação de questionamentos, assim como, na escolha, condução, produção e no tratamento dispensados aos dados da investigação, visto que, a pesquisa qualitativa se desenha, conforme Chizzotti (2018), de modo a possibilitar a relação dinâmica entre o real e o sujeito, pela

interdependência entre o objeto e o sujeito, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

A pesquisa se sustentou na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural (NHC), analisando, de forma específica, a contribuição educacional da educadora piauiense Maria Odete Moura. A NHC faz emergir uma multiplicidade de objetos, novos métodos e abordagens diversas, além de uma variabilidade de fontes, em especial a partir da História oral (ALBERTI, 2008) e da Micro-História, abordagens que permitem o estudo, a interpretação e a reflexão sobre uma pluralidade de realidades e uma amplitude de personagens, incluídos sujeitos pertencentes as mais diversas classes sociais, descortinando a possibilidade de pesquisas históricas centradas em temáticas dos mais diversos matizes e focadas nas pessoas comuns, nos sujeitos protagonistas de suas próprias histórias, contextualizando-as temporalmente, em especial, por meio da biografia e dos métodos biográficos. (BURKE, 2008, 2011).

Na escolha do trabalho com métodos biográficos e autobiográficos, seguimos as reflexões de Boas (2008, p. 35), especificamente quando afirma que, nas pesquisas biográficas, "A escolha do personagem envolve razões concretas, *insights*, associações livres, oportunidades, sincronicidades, sutilezas. Nada disso pode estar dissociado do *self* do pesquisador biográfico".

As fontes autobiográficas, as histórias de vida e narrativas, favorecem ricas possibilidades analíticas e metodológicas, notadamente pela diversidade de objetos que se descortinam enquanto passíveis de incursões e compreensões, sendo que o produto dessas incursões agrupa elementos fundamentais na análise de processos de formação e práticas, das invenções da vida. (VICENTINI; ABRAHÃO, 2010).

A ação de rememorar, atrelada ao conhecimento adquirido pode levar à transformação das próprias práticas, a partir da possibilidade de sensibilização que vai ocorrendo à medida que a pessoa retoma e seleciona as práticas que vivenciou e as reelabora, visto que, segundo Gagnebin (2009), a memória é uma faculdade paradoxal, por ser ligada a uma atividade que se escolhe lembrar e, ao mesmo tempo, a algo inativo, esquecido, mas que surgem, retornam em imagens que nem mesmo gostaríamos de nos lembrar, pois memória, lembrança e esquecimento fazem parte da mesma faculdade, são ligados entre si, existindo coisas que são melhor lembradas do que outras, de um processo de escolha consciente em que se quer lembrar de umas coisas e de outras não, das quais chega-se mesmo a fugir.

Na lida com as narrativas, Gibbs (2009, p. 80), defende a "narração de histórias", explicando que se trata de uma das formas basilares por meio das quais as pessoas organizam

e dão sentido a sua compreensão de mundo, compartilhando e significando suas experiências com os demais, além de conceder voz e reforçar a identidade da pessoa entrevistada/biografada, para o que a história oral serve de sustentáculo teórico-metodológico significativo (MEYHY, 2007), tendo a narrativa oral como ponto nuclear.

A educadora piauiense Maria Odete Moura, é a personagem central da pesquisa, tendo, por outro lado, como principal instrumento de produção dos dados a entrevista de relatos autobiográficos, realizada a partir de um roteiro de questões abertas e concretizada por meio de diversos encontros com a personagem.

As entrevistas, seguindo o roteiro de perguntas abertas e os relatos autobiográficos frutos destes encontros, buscaram responder ao seguinte problema: Como se configurou a contribuição e o legado de Maria Odete para o desenvolvimento social e educacional da cidade de Sigefredo Pacheco, situada no estado do Piauí?

No uso das fontes orais, evitamos que estas fossem consideradas como verdades acabadas e definitivas sobre os fenômenos estudados, tampouco que se privilegie o seu uso somente para cobrir os vazios deixados pela falta de possibilidade do emprego de outras fontes, tendo consciência de que este tipo de fonte fornece um produto fruto de narrativas cercadas de significados subjetivos e singulares, de compreensões, versões, representações e interpretações elaboradas pelas lembranças e que estas, por sua vez, são carregadas de esquecimentos, de imaginações, ocultações, de silenciamentos propositais ou não; são testemunhos orais impregnados de memórias, identidades, pertencimentos e tempos dinamicamente diversos, diferentes e multidimensionais, expostos que estão às disputas pela construção das memórias de determinado acontecimento. (GAGNEBIN, 2009).

Optamos, também, pelo uso e cruzamento de outras fontes pertinentes para contar a história de vida de Maria Odete Moura, ressaltando suas contribuições educacionais, sociais e políticas na cidade de Sigefredo Pacheco/PI, tais como, fotografias, diários, cartas, informativos e outros que possibilitem e contribuam de forma relevante para o trabalho com memórias e narrativas, desvelando acontecimentos importantes da história de vida de nossa personagem, permitindo novos olhares sobre fatos narrados por meio da historiografia oficial (FERREIRA; AMADO, 2006).

Destacamos, como principal justificativa para o desenvolvimento do estudo, o cuidado com a preservação e difusão cultural das heranças educacionais por meio das lembranças de outras histórias de vidas, concebidas além do *corpus* teórico histórico estatuído como oficial, ampliando as possibilidades de novas interpretações dos acontecimentos próximos dessa área do conhecimento.

O legado educacional de Maria Odete Moura

Na perspectiva de contribuir para a construção do histórico educacional, assim como o desvelamento das memórias da citada educadora, o estudo apoiou-se na compreensão de Gonçalves (2006, p. 17) para quem "[...] explicar as maneiras diferenciadas de produção da escola é [...] conhecer as práticas dos atores que participaram dessa produção, o que não é, sem dúvida, uma atividade das mais fáceis", sendo que, mais especificamente, a pesquisa se propôs, conforme ressaltado acima, a tornar visível a história de uma educadora que tem seu nome atrelado ao cenário educacional piauiense, seja por sua contribuição na formação de gerações de pessoas, seja por sua efetiva atuação social, política e cultural, sua produção intelectual, assim como outros papéis sociais e familiares assumidos e por ela desempenhados e que, assim como muitas outras, tem essa trajetória de vida pouco difundida, esquecida ou mesmo silenciada na história oficial.

A escolha da referida professora se justificou pela sua relevante presença no cenário educacional da cidade de Sigefredo Pacheco, seja pelo significativo envolvimento com que implementava as suas práticas pedagógicas, seja pelo histórico compromisso de formação escolar de diversas gerações, ou ainda, por se tratar da primeira educadora com formação pedagógica da referida cidade, abrindo caminhos e ampliando as possibilidades das futuras educadoras.

Na década 1960, Maria Odete se tornou a primeira professora da cidade de Sigefredo Pacheco com o curso pedagógico, nível médio, obtido em Teresina, capital do Piauí, no Colégio das Irmãs, uma das escolas mais tradicionais do estado, o que lhe permitiu ministrar aulas, durante todo o ano de 1965, na referida cidade. Logo depois, se casa e vai morar em Teresina, constituindo família e conseguindo formação acadêmica no Curso de Licenciatura em Letras Português na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Durante as décadas de 1970 e 1980, Maria Odete consolidou sua formação acadêmica e intelectual, se envolvendo em grupos de estudos de aperfeiçoamento fora do estado, ministrando aulas e, escolas públicas e desenvolvendo projetos socioculturais, em Teresina, e que lhe serviria de base fundamental para sua atuação em sua cidade natal.

Retornando a atuar em Sigefredo Pacheco, muito embora residindo em Teresina, na década de 1990 forma uma primeira turma de preparatório para o vestibular, composta por pessoas da cidade, ministrando aulas gratuitas de Português, Literatura e Redação, com a parceria de um professor de Matemática que cedia uma sala de sua propriedade, em que ministrava aulas particulares, alternando horários com ela. Dessa primeira turma, significativa

parcela dos alunos foram aprovados no vestibular, sendo formados no campus da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), na cidade de Campo Maior.

Neste período, Maria Odete, já professora da UESPI em Teresina, era designada pela Secretaria de Educação para promover a capacitação dos professores de Sigefredo Pacheco, além de, na função de Coordenadora Generalista, coordenar e planejar com professores do estado lotados em escolas da cidade.

No ano de 1995, idealizou e fundou a primeira Biblioteca Municipal de Sigefredo Pacheco, sediada em sua própria casa, pois a gestão da Prefeitura local, a considerava adversária política, não sendo capaz de vislumbrar os ideais e os benefícios educacionais e sociais dessa empreitada. A Biblioteca foi formada com acervo de doações de pessoas do Piauí e de outros estados do Brasil, pela sensibilidade e cooperação de pessoas com as quais mantinha contatos, inclusive muitas destas residindo ou realizando estudos em outros países da Europa, tais como, Inglaterra e França, e dos Estados Unidos.

É importante ressaltar que, nessa década de 1990, inicia sua militância política na cidade, se candidatando a vereadora, porém sem lograr êxito, mesmo tendo assumido a função, na condição de suplente, por algumas oportunidades.

Nos anos de 2000, passa a ministrar aulas na primeira Faculdade privada com um polo em Sigefredo Pacheco, que formou e ofertou turmas de cursos de especialização, tendo a oportunidade de receber, agora com formação superior, muito dos alunos que faziam parte da primeira turma de preparatório para o vestibular, por ela conduzida na década de 1990.

Em 2008, é homenageada com o nome da primeira Biblioteca Pública Municipal oficial, além de, em 2013 ser nomeada e exercer a função de Secretária Municipal de Educação e Cultura de sua cidade natal, cargo que exerceu por sete meses, se afastando novamente por diferenças político-ideológicas. Durante sua contribuição enquanto secretária municipal, Maria Odete atuou de forma efetiva nas escolas de Sigefredo Pacheco, especialmente, segundo suas falas, na lida com o cuidado com as escolas e as pessoas, estudantes, professores e profissionais, envolvidas nas escolas.

Seus relatos, desvelam reminiscências preñes de perplexidade, espanto e indignação diante do descaso do poder governante municipal diante da educação de seu povo, destacando a existência de escolas sem o mínimo de condições materiais de atendimento aos alunos, faltando desde o transporte seguro, visto que o transporte das crianças era feito por meio de mototaxistas e não com os ônibus que, por direito, deveriam ser adquiridos para a escola, inclusive com verbas federais transferidas para o programa escolar que garante a aquisição

desse tipo de veículo, até mesmo objetos adequados para o funcionamento exitoso da cozinha escolar.

Dentre os problemas relatados pela professora, a ausência de professores efetivos concursados para a escola, o que caracteriza abandono de função pública, foi marcante, o que a levou a promover a convocação legal ao comparecimento destes profissionais, sob pena de serem processados administrativamente perderem seus cargos.

A construção e reparos de instalações adequadas nas escolas, a melhoria das cozinhas para garantir a alimentação de qualidade aos alunos, a aquisição de material escolar e a garantia da vinda de ônibus próprio para transporte escolar das crianças pode ser pontuado como legados significativos da atuação política e social de Maria Odete para a realidade educacional de Sigefrêdo Pacheco, no período citado.

Conforme citado acima, ainda em 2013, Maria Odete entrega o cargo de secretária municipal de educação, praticamente abandonando, o que em seus depoimentos se trata apenas de afastamento temporário, suas atuações na cidade, fora a parte seu envolvimento, mesmo que de maneira informal, na assistência social, familiar e educacional que segue prestando a muitas pessoas da cidade, em muitas frentes, sempre se colocando à disposição para, como ela afirma, de alguma forma, ajudar e cuidar dos seus.

Considerações Finais

A pesquisa demonstrou, dado a ênfase com que destaca a vida e a atuação educacional, que a trajetória de vida e o legado educacional da educadora Maria Odete Moura deixaram profundas e significativas marcas na história e memória da educação da cidade de Sigefredo Pacheco/PI.

Inicialmente, ao tornar-se a primeira professora da cidade de Sigefrêdo Pacheco com o curso pedagógico nível médio, obtido em Teresina, o que lhe garante a condição legal de professora, exercendo o magistério durante todo o ano de 1965, na referida cidade.

Mais adiante em sua trajetória de vida planeja e consegue formar a primeira turma de preparatório para o vestibular, composta por pessoas da cidade, ministrando aulas gratuitas de Português, Literatura e Redação, com vários alunos dessa turma sendo aprovados no vestibular, cursando e se graduando pela UESPI.

Podemos destacar, ainda, como contribuições efetivas de sua trajetória educacional, a designação pela Secretaria de Educação do Piauí para promover a capacitação dos professores de Sigefrêdo Pacheco e o exercício de gestora educacional, na função de Coordenadora Generalista da cidade; a idealização e fundação da primeira Biblioteca Municipal, a qual

futuramente passa a ser identificada com seu nome; bem como, o exercício, por sete meses, do cargo de Secretária Municipal de Educação e Cultura de sua cidade natal, do qual é afastada por diferenças político-ideológicas.

As lembranças da memória de Maria Odete desvelam aspectos relevantes da escolarização e das práticas educativas piauiense, revivendo as singularidades que marcam a condição do ser aluno e do ser professor, as relações das famílias com as escolas, assim como as condições de trabalho e de valorização dos profissionais do magistério, contribuindo sobremaneira para uma leitura crítica dos aspectos sociais, culturais e políticos de nossa realidade próxima, a partir de um movimento que entrelaça o singular e o coletivo.

Acreditamos que a pesquisa possibilitou, enquanto principal impacto educacional do legado da professora personagem, o rompimento do silenciamento que, insistentemente, se justapõe às memórias e às histórias de pessoas que desenvolveram e seguem desenvolvendo projetos, ações e práticas relevantes no cenário socioeducacional, preenchendo lacunas existentes na memória da educação piauiense.

Por outro lado, confiamos, trará contribuições relevantes para o levantamento de novas fontes de pesquisa educacional, tais como, fontes biográficas e autobiográficas orais e escritas, bem como o fomento de pesquisas sobre legados de educadoras e educadores do Piauí.

Finalmente, podemos destacar os relevantes impactos da pesquisa no fortalecimento dos estudos e das investigações acadêmico-científicas desenvolvidas no NUPHEB, ampliando as possibilidades de inserção de alunos e professores na concretização de pesquisas no campo de conhecimento da Educação e da História da Educação, contribuindo na ampliação do volume de produções e publicações científicas.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. IN: PINSKY, Carla Bessanezi. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Petar. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

FEREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura Escolar: práticas e produção dos grupos escolares de Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH_FUMEC, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012 (Volume 1: A intriga e a narrativa histórica).

SILVA, Robson Carlos. **As Narrativas dos Mestres e uma História Social da Capoeira em Teresina-PI: do pé do berimbau aos espaços escolares**. Curitiba: CRV, 2016.

VINCENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Sentidos, potencialidades e usos da (Auto)Biografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.